

OS 
AVENTUREIROS

NA SERRA DA ESTRELA

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: CRISTINA MALAQUIAS



ESTE LIVRO PERTENCE A:



OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer *Os Aventureiros* Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

Todos os livros da coleção transportam os leitores para aventuras fantásticas em lugares excitantes que proporcionam conhecimentos históricos e culturais de forma acessível. Para além de cativar os jovens para a leitura, a coleção ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, o leitor vê a sua imaginação estimulada e percorre as páginas de cada volume como se fizesse parte da história. Este é um dos motivos para que a coleção *Os Aventureiros* seja tão apreciada por professores, em especial de Português e de História.

É recomendada essencialmente para os 5º, 6º e 7º anos.

Tem também a particularidade de conseguir cativar diferentes idades.

Milhares de leitores já seguem *Os Aventureiros* desde 1999 (data da 1ª edição) e tornaram-se fãs incondicionais dos jovens heróis, ao ponto de o transmitirem a novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da

autora: www.isabelricardo.com e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/pages/AVENTUREIROS/271829902855447

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.com

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.com





PREFÁCIO		9
CAPÍTULO I	A caminho da Serra da Estrela!	13
CAPÍTULO II	Um acidente aborrecido...	26
CAPÍTULO III	Uma surpresa fantástica!	34
CAPÍTULO IV	Neve até fartar...	42
CAPÍTULO V	<i>João</i> diverte-se à brava...	54
CAPÍTULO VI	Uma coisa muito estranha...	61
CAPÍTULO VII	As dúvidas desfazem-se...	73
CAPÍTULO VIII	Uma noite atribulada...	87
CAPÍTULO IX	NEVE!	92
CAPÍTULO X	Um fantástico achado!	102
CAPÍTULO XI	Bia fica fora de combate...	112
CAPÍTULO XII	Uma conversa muito suspeita...	119
CAPÍTULO XIII	Daniel vê-se em apuros...	129
CAPÍTULO XIV	Finalmente, um telefonema!	138
CAPÍTULO XV	Onde se meteram os tipos?	148
CAPÍTULO XVI	Uma visita inesperada...	157
CAPÍTULO XVII	Onde estão as joias roubadas?	168
CAPÍTULO XVIII	O presente do <i>João</i> !	178
ACRÓSTICO		186
PALAVRAS CRUZADAS		188
COLEÇÃO OS AVENTUREIROS		190



PREFÁCIO

Queridos amigos, trago-vos outra aventura, da qual espero que gostem tanto como gostaram das anteriores.

Este livro esteve esgotado durante uns anos, mas como os leitores continuavam a pedi-lo, a exigi-lo até, aqui está ele, numa nova edição bem cativante, com um grafismo renovado, e que estou certa fará as delícias dos milhares de entusiastas desta coleção.

Cada livro é independente dos outros. Em cada um conta-se as aventuras de Tó Jú e Daniel, que vivem na Nazaré, e da Bia e do Cris que são primos deles e vivem em Lisboa. O quinto aventureiro é o *João*, um corvo muito endiabrado e traquina que adora pregar partidas e consegue imitar tudo e todos, criando momentos muito divertidos. Como decerto muitos de vós já saberão, ele existe na realidade, tem até o mesmo nome e só vos digo que é quase tão divertido como o nosso *João*.

Já sabem que podem falar comigo sempre que quiserem. No início do livro está o endereço de *e-mail* dos AVENTUREIROS, caso queiram dar-me sugestões ou simplesmente conversar. Podem também consultar o *site* em www.isabelricardo.com, para ficarem a saber mais sobre a coleção. Tenho a certeza que irão adorar!

OS AVENTUREIROS NA SERRA DA ESTRELA está bem ao vosso gosto, cheio de situações de perigo e ação, aventura e muitas, muitas cenas divertidas.

Um abraço da vossa amiga e... Divirtam-se!

Isabel Ricardo

Um abraço grande à malta simpática e entusiasta da E.B.2,3 Dr. António Chora Barroso, Riachos, Torres Novas, E.B.2,3, Alcanena, E.B.I., Minde, E.B.2,3 Quinta de Marrocos, Benfica, E.B.2,3 Duarte Lopes, Benavente, E.B.2,3, Porto Alto.

Aos alunos e professores do Colégio Cosme e Damião, Rio de Mouro, Externato N^a S^a da Penha de França, Externato Mãe de Deus, Lisboa e E.B.2,3 Nuno Gonçalves, Lisboa.

O meu carinho especial a todas as escolas do 1º ciclo que visitei e que me brindaram com o seu entusiasmo contagiante e belos trabalhos.

E a toda a pequenada adorável e professoras espetaculares que conheci, e foram muitas, nas escolas do 1º ciclo do concelho de Loures.



CAPÍTULO I

A caminho da Serra da Estrela!

— **E**spero que a serra esteja coberta de neve! — exclamou uma rapariga de rosto alegre e simpático, pela centésima vez, agitando-se frenética no banco do carro.

«Ora, vai-te encher de moscas! Vai comer minhocas!», fez um pássaro de penas tão negras que por vezes quando o sol lhe batia, parecia azul. Tinha um bico comprido e forte e olhos muito vivos. Naquele momento mirava a adorada dona com a cabeça de lado.

O condutor desatou às gargalhadas, divertido.

— Nem a propósito, meu velho!

O rapaz que ia ao lado de Bia esboçou também um sorriso.

— Já disseste isso mais de mil vezes, Bia! Até o *João* deve estar farto de te ouvir! — troçou ele.

Mas a rapariga fez-lhe uma careta.

— Estou para ver a reação do *João* quando vir a neve — observou a senhora que ia à frente, sorrindo.

Bia sorriu e coçou a cabeça do corvo com ternura. Este era esperto como tudo e imitava qualquer som na perfeição, causando muita surpresa e por vezes alguns embaraços a quem o ouvia.

— Só tenho pena que o Tó Jú e o Daniel não possam vir também...

Cris também concordou. Gostava muito dos primos da Nazaré, principalmente do irrequieto Daniel. Tinham vivido aventuras arrepiantes na companhia deles. De uma vez viram-se envolvidos com dois perigosos homens que procuravam ansiosamente um misterioso CD, tendo ao mesmo

tempo descoberto um tesouro de lingotes de ouro deixado pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Noutra, envolveram-se com ladrões de diamantes, de outra com traficantes de droga, depois com raptos e noutra tinham-se visto envolvidos com um perigoso fugitivo que se evadira de uma cadeia de alta segurança.

João pareceu lembrar-se também, pois soltou um gritinho excitado e voou na direção da janela fechada, como se esperasse ir vê-los do lado de fora. Bicou o vidro, irritado. A dona agarrou-o, toda babada com a esperteza dele.

«DANIEL! TÓ JÚ! Maroto! Mariola! Ora, vejam! Mas... como é que vocês estão aqui? Como é que vocês estão aqui?», fez ele, terminando com umas gargalhadas muito estridentes. Aprendera aquela frase na aventura passada.

A senhora tapou os ouvidos.

— Cala-te, *João*! Que barulhento!

«Chchchchch! Cala-te, *João*! Que barulhento! Ora, vai-te encher de moscas!»

Riram-se, divertidos. Com aquele corvo traquina ninguém conseguia levar a melhor. Parecia saber sempre o que responder, deixando as pessoas meio abanadas.

— Já vos disse que só havia dois quartos livres, Bia. Também tenho pena de não os ver estas férias. Talvez nos encontremos todos depois no Natal! — disse o pai, olhando para os filhos pelo espelho retrovisor.

«Feliz Natal! Parabéns a você! Boa-noite!»

— Tonto! — disse a dona, rindo e fazendo-lhe festas.

— De certa maneira até é melhor que não se encontrem nestas férias. Parece que é sina! Mal se juntam, acontecem-lhes coisas de pôr os cabelos de pé... — observou a senhora, abanando a cabeça, desaprovadora. — Por uma vez queria que passassem umas férias calmas, sem perigos à mistura.

Os irmãos trocaram um olhar desolado, principalmente

Bia que era a mais aventureira. Franziu a boca de lado. Esperava que aquelas férias de Natal não se tornassem muito maçadoras. Abanou a cabeça com firmeza, decidida a não pensar mais naquilo. Iria divertir-se à brava a escorregar na neve.

— Não fiquem desapontados, porque tenho a certeza que se irão divertir a valer nestas férias, mesmo sem os vossos primos. Preparei a viagem com todo o cuidado e organizei uns passeios bem atrativos.

Os filhos olharam para ele, curiosos. Miguel soltou uma gargalhada, prontamente imitada pelo turbulento corvo.

— Iremos a Seia, porque tem vários pontos de interesse únicos no país. Vamos conhecer o *Museu do Brinquedo* que possui cerca de oito mil brinquedos de Portugal e do mundo, atuais e antigos. Julgo que se irão divertir! — declarou Miguel, trocando um olhar divertido com a mulher e depois fixando os filhos pelo espelho retrovisor. — Também iremos visitar a *Ludoteca Municipal*, o *Museu Natural da Eletricidade*, o *CISE - Centro de Interpretação da Serra da Estrela* e que, tenho cá um palpite, vocês irão gostar de conhecer, pois tem uma exposição interativa onde podem viajar por toda a Serra da Estrela.

Os filhos entreolharam-se, surpreendidos.

— Não me digam que pensavam que iam à Serra da Estrela só para escorregarem na neve!

Bia e Cris e ficaram com uma expressão comprometida, pois era mesmo aquilo que tinham pensado. Miguel deu uma gargalhada estrondosa, para deleite de *João* que adorava imitá-las.

— Ah, e não podíamos perder o *Museu do Pão* que é considerado o maior Museu do Pão do mundo e também é um local extremamente interessante que deve ser visitado. Vão ficar surpreendidos!

— Fixe, pai! — aprovou Cris, com um sorriso.

Bia sorriu e olhou para a rua através do vidro. O céu estava cinzento-claro e algum nevoeiro descia as montanhas, como se fosse fumo. As nuvens pareciam montadas umas nas outras tão juntas estavam.



Fizeram uma paragem em Castelo Branco, indo visitar o *Jardim do Paço*, ficando totalmente fascinados com as estátuas da *Escadaria dos Apóstolos* e com os diversos lagos artificiais com repuxos.

— Este lago é espetacular, Cris! Tira uma fotografia! Chama-se *Lago das Coroas*! — informou Bia, encantada.

O irmão assim fez, apanhando o pai e a mãe na fotografia. Depois subiram a *Escadaria dos Reis*, admirando as estátuas, entusiasmados.

— O Tó Jú e o Daniel iam adorar ver isto! — exclamou Bia, frenética. — Quem se lembrou disto teve uma bela ideia, não achas? A estátua de cada rei...

— Vou tirar bastantes fotografias para lhes mostrar da próxima vez que os virmos! — declarou Cris, de máquina fotográfica em punho. — *JOÃO!* Não podes voar à minha frente no preciso momento em que vou carregar no botão! Seu maçador!

João poisou em cima da cabeça duma estátua e fitou-o com ar trocista.

«Seu maçador! Maroto! Mariola! Malcriado! Rapaz sem vergonha! Vai-te encher de moscas, Cris!»

Um grupo de garotos desatou a rir às gargalhadas e Cris corou até às orelhas. A pequenada rodeou a estátua onde o corvo se encontrava e começou a dizer-lhe «Olá!», tal como se costuma dizer aos papagaios. É claro que ele não se fez rogado, ainda mais perante uma assistência tão interessada.

«Óó-lá! ÓÓ-LÁÁ!», fez, muito educadamente, levantando a cabeça com o «Óo» e baixando-a com o «Lá!». Resolveu presentear-los com um recital de todos os sons e frases que conhecia e que não eram poucos...

A pequenada e os mais adultos riam-se a bandeiras despregadas e alguns deles até já se agarravam à barriga, dorida de tanto rir.

Uma senhora alta, que estivera afastada ao ver toda aquela enorme algazarra, aproximou-se, um pouco aborrecida.

— Ó, Paulo! O que é que se 'tá a passar?

João pôs a cabeça de lado e imediatamente a imitou.

«Ó, Paulo! O que é que se 'tá a passar? O que é que se 'tá a passar?»

Ela ficou a olhar para o corvo, banzada. Nem queria acreditar no que via e ouvia. Um corvo a falar como gente.

Os garotos riram-se ainda mais.

— Arre! Nunca tal vi antes!

«Arre! Nunca tal vi antes! Ora vejam só! Caramba! Xi! Credo! *João!* Espertalhão!»

A senhora riu-se, divertida. Virou-se para trás.

— Marta! Vem cá depressa!

Uma jovem de rosto simpático e cabelo farto aproximou-se.

«Marta! Vem cá depressa! MARTA!»

A rapariga desatou a rir e cumprimentou-o delicadamente, para delícia de *João* que resolveu brindá-la com a sua imitação de uma ambulância.

«Ó, Paulo! O que é que se ‘tá a passar? O que é que se ‘tá a passar?»

— Que corvo mais engraçado! — exclamou um garoto.
— Não é, Bruno?

O outro rapaz acenou com a cabeça, com os olhos a brilhar.

«Que corvo mais engraçado! Ora, bem! Sim, senhor! *João!* Espertalhão!»

— *João*, para lá com o espetáculo! Vamos embora! Anda! — chamou Bia, sorrindo. Os pais e o irmão já caminhavam bem à frente.

«*João*, para lá com o espetáculo! Vamos embora! Anda! Toc’andar! Xô! Xô, melgas! Xô!»

Um coro de gargalhadas seguiu-os. As pessoas fitavam-no, desconsoladas por o verem ir embora.

— Divertiste-te à grande e à francesa, meu maroto! Vamos, o pai já está à nossa espera! — disse Bia, correndo até ao carro.

Algum tempo depois, já em plena estrada, viam-se os contrafortes da Serra da Gardunha salpicados por árvores e arbustos. Os cumes mal se viam devido às nuvens e ao nevoeiro e os campos eram muito bonitos e verdejantes. Do lado

esquerdo ficava Castelo Novo e mais adiante Alpedrinha, à direita.

Ao entrarem no túnel da Serra da Gardunha, *João* desatou aos berros, como se tivesse enlouquecido, provocando o riso de *Bia*.

A mãe tapou os ouvidos, com uma careta.

— *Bia*, se não calas esse pássaro, deixo-o em terra e ele que vá a voar atrás do carro... — ameaçou *Miguel*, observando-os pelo espelho retrovisor.



Bia apertou o bico do corvo, não duvidando nem por um segundo que ele cumpriria o prometido. *João* viu-se dessa maneira numa posição nada digna e tentou escapar das mãos da dona, escandalizado.

— É só mais um bocadinho, *João*, calma, estamos quase a sair...

Mal saíram do túnel, soltou-o e o corvo falou todas as frases que sabia. Parecia ter ficado mesmo ofendido com o sucedido. Subiu pelo banco acima, baloiçando o corpo e pôs-se na superfície por trás das cabeças deles.

Cris olhou para ele, um pouco desassossegado.

— É melhor que o tires dali, Bia. Não fico muito descansado com ele atrás de mim. Deve estar a preparar-se para me fazer alguma patifaria...

Bia riu-se e voltou-se para trás, mas o malandro do corvo escapava-se sempre, baixando-se e aninhando-se em todos os cantinhos.

— Tens de o segurar, Bia. Aproxima-se outro túnel e este ainda é mais comprido do que o anterior — avisou o pai, deitando um olhar rápido pelo retrovisor.

Ela tirou o cinto e esticou-se até o conseguir apanhar, mesmo na precisa altura em que entravam no túnel. *João* ainda soltou dois berros, mas foi de novo silenciado daquela maneira desavergonhada.

— Bem feito! — disse Cris, fazendo-lhe uma careta, recebendo de imediato uma cotovelada violenta da irmã, que ele retribuiu.

Miguel olhou para eles de sobrolho carregado.

— Mau! Parece-me bem que alguém quer ficar em terra...

À saída do túnel viram uma grande planície de um lado e do outro da estrada.

Avistaram sete ninhos de cegonhas empoleirados na copa das árvores, com elas em cima. Uma delas veio a voar ao lado do carro por uns breves segundos e *João* deu um berro, mortinho por se ir meter com ela e dar-lhe uma palvrinha.

— FUNDÃO! Vejam, meninos! Já se vê a Serra da Estrela lá à frente, com os picos cobertos de neve.

Bia ficou doida de entusiasmo e esborrachou o nariz contra o vidro, com os olhos a brilhar.

— BESTIAL!

«BESTIAL! Vai-te encher de moscas! Ora vejam só!»

Já depois do Fundão passaram por dois cursos de água com muitas árvores em ambas as margens — a ribeira da Meimôa e o rio Zêzere.

Algum tempo depois chegavam à Covilhã.

— Viste aquele prédio, Cris? Tinha na frente o mapa da Península Ibérica. Espetacular! — exclamou Bia, voltando-se para trás.

O rapaz acenou com a cabeça, afirmativamente.

Foi com alívio que saíram. *João* tinha estado insuportável. Não se calara todo o caminho, excitado com o banzé que fizera em Castelo Branco.

— Sabem, nasceu cá uma personagem muito famosa no século XV, chamada Pêro da Covilhã. Foi um viajante experiente e muito corajoso. O rei D. João II destinou-lhe uma missão de espionagem muito importante: ir por terra colher informações em África, Arábia e Índia acerca do possível caminho marítimo para o Oriente, o que ele fez, e com certeza serviu de muita ajuda a Vasco da Gama. Chegou a ter de se disfarçar de mercador árabe e passou por aventuras do arco da velha... — informou Miguel, com um sorriso.

— Que giro! Devia ser um grande aventureiro! — observou Bia, tentando imaginar o que seria viajar naqueles tempos por sítios tão longínquos que ninguém conhecia e correndo o risco de ser morto a todo o momento.

— É verdade. Saiu de Portugal acompanhado de Afonso de Paiva, que era de Castelo Branco e que, tal como ele, sabia falar castelhano e árabe. Depois de muitas peripécias,

decidiram infiltrar-se na cidade santa do Islão, Meca, para obterem mais informações. Entraram mesmo no recinto da mesquita. Aí, para não despertarem suspeitas, fingiram rezar ao profeta Maomé, como todos os bons muçulmanos.

Os filhos riram-se, divertidos.

— Verdade?

— E não os apanharam?

— Não, porque além de irem bem disfarçados, não se desmancharam e imitaram na perfeição os árabes, rezando tal como eles...

Eles sorriram com admiração.

— Li algures um texto sobre esse assunto que achei muito divertido e que acho muito provável que tenha mesmo acontecido assim — informou Miguel, sorrindo. — Enquanto fingiam rezar e quando já terminavam, Pêro da Covilhã terá dito baixinho «Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo nos perdoe!». Ao que Afonso de Paiva terá logo respondido «Amén!». E aí por pouco não revelavam o disfarce, pois Afonso de Paiva ia fazer o sinal da cruz, sendo impedido a tempo pelo amigo.

Bia e Cris ainda se riram mais.

— E o que lhes aconteceu depois disso?

— Decidiram separar-se no Egito. Pêro iria à Índia e Afonso em busca do famoso reino cristão do Prestes João, na Etiópia. Combinaram encontrar-se no Cairo, à porta da cidadela, ao anoitecer, dali a dois anos.

— E então? Conseguiram?

Miguel abanou a cabeça.

— Nunca mais se viram. Afonso entretanto tinha morrido, acho que de peste, e nunca conseguiu terminar a sua missão. Mas Pêro da Covilhã conseguiu recolher informações preciosas que enviou a Portugal. E acabou por terminar ele a missão do amigo.

Bia olhou para o pai com os olhos a brilhar.

— Que história fantástica!

«Ora, bem! Disparates! Palerma! Ó, Paulo! O que é que se ‘tá a passar? O que é que se ‘tá a passar?», fez *João*, terminando com uma série de espirros estrondosos, fazendo-os rir.

— Tu é que estás a dizer disparates, meu palerma! — replicou Bia, fazendo-lhe uma festa que o corvo retribuiu dando-lhe bicadinhas ternas no nariz.

Cris observava-os, abanando a cabeça, desaprovador.

— Não admira que esse velhaco esteja cada vez pior!

Mas Bia não lhe ligou importância.

Depois de passearem um pouco pelo bonito jardim, voltaram a meter-se no carro. Sentiam-se um pouco maçados da viagem e só queriam chegar depressa ao seu destino, esparramarem-se numa cama e dormir a sono solto. *João* é que estava esperto como um alho e tagarelava a todo o vapor. A dona teve de lhe dar um piparote no bico para ele se calar, deixando-o indignado com a afronta.

Ao passarem pela estátua de Pêro da Covilhã, Bia acenou-lhe, encantada. Ficara com imensa simpatia por ele. Cris riu-se.

Quando saíram da Covilhã e começaram a subir a serra, observaram uma paisagem espetacular. Já havia neve na encosta, o que os encheu de emoção. Deleitaram-se com a planície lá em baixo.

Grandes bocados de neve apareciam à beira da estrada cada vez mais frequentemente. Passaram por um velho edifício em ruínas que lhes transmitiu vibrações de emoção.

— Parece que está envolto em mistério! Dá a sensação de terem acontecido lá coisas estranhas e emocionantes... — comentou Bia, num tom misterioso.

Cris riu-se, trocista.

— És mesmo tonta!

Bia deitou-lhe um olhar zangado e foi o corvo que a vingou, como se tivesse percebido o que ela estava a sentir.

«Patife! Mariola! Vai-te encher de moscas, Cris!»

A rapariga teve de virar a cara para o lado para se rir à socapa, para aborrecimento do irmão que ficou carrancudo.

— Foi um sanatório e serão as futuras instalações da Pousada da Serra da Estrela — elucidou o pai, sorrindo. — Disse-ram-me que tinha 365 quartos, não sei se é verdade ou não...

Cris e Bia debruçaram-se para a frente. Estavam demasiado emocionados com o que viam para permanecerem zangados por muito tempo. Rochas das mais variadas formas desfilavam cobertas de neve e as árvores também.

— É tão bonito tudo branco! Dá uma sensação tão calma, não acham? É MARAVILHOSO! — exclamou Bia, com os olhos a brilhar. — Pai, não podemos sair já? POR FAVOR!

Miguel riu-se.

— Aguenta mais um bocadinho! Estamos quase a chegar ao nosso destino.

— Que paisagem tão bonita! — exclamou a mãe, sorrindo. — Lembra as pinturas dos cartões de Natal, não achas, Miguel?

— Xi! Que grandes pedregulhos! — exclamou Cris, impressionado.

E realmente tinha razão. Alguns deles tinham tamanhos descomunais.

«Xi! Que grandes pedregulhos! Há aqui um enorme buracão! Mas que raio de lugar é este?!», fez *João*, parecendo impressionado.

— Parece-me que estás um pouco confuso, meu rapaz! — observou Miguel, com uma gargalhada. Depois fixou os filhos, com os olhos muito brilhantes. — Sabiam que a Serra da Estrela há muito tempo era também chamada de Montes Hermínios? Diz-se que se deram muitas batalhas nestes

montes entre as tropas de Viriato¹ e o exército romano que tentava a todo o custo apoderar-se da Península Ibérica. Viriato durante oito anos foi o pesadelo de Roma, derrotando sucessivamente os seus exércitos e levando à revolta grande parte dos povos ibéricos. Conta-se que ele e os seus companheiros se emboscavam atrás dessas rochas e faziam rebolar algumas pela encosta abaixo. Chegavam a disfarçar-se de ovelhas para apanharem de surpresa as tropas romanas. Infelizmente, Viriato foi assassinado por três homens² da sua confiança que, subornados pelos Romanos, mataram Viriato enquanto dormia.

— Que grandes safados! — exclamaram os dois, indignados.

Bia por momentos ficou perdida nos seus pensamentos, lamentando o bravo guerreiro, atraído por quem confiara. Distraída, coçava a cabeça de *João*. Depois levantou a cabeça e os seus olhos brilharam como estrelas.

— VEJAM! Lá está a Serra da Estrela! E está cheinha de NEVE! — exclamou ela, entusiasmada, colando a cara ao vidro.

Cris seguiu-lhe o olhar e o seu rosto iluminou-se de alegria.

¹ Chefe dos Lusitanos de 147 a 139 antes de Cristo. (Nota da Autora)

² Áudax, Ditalco e Minuro. (N. da A.)